



Memórias no Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos: entre corpo, ginga, sonho e vida

Memories in the Regional Capoeira Group Novos Irmãos: between body, ginga, dream, and life

Memorias en el Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos: entre cuerpo, ginga, sueño y vida

Wolney Nascimento Santos¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Wolney Nascimento Santos
E-mail: wolneyns@yahoo.com.br

Como citar: Santos, N. W. (2025). Memórias no Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos: entre corpo, ginga, sonho e vida. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 6(1), e20281. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks6120281>

RESUMO

O artigo tem como objetivo descrever as experiências de jovens dos bairros 18 do Forte e Cidade Nova, na zona norte de Aracaju/SE, entre 1979 e 1982, quando integraram o *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos do SESI*, no Clube do Trabalhador, sob a direção de Antônio Jorge da Conceição — Jorge, mestre Nô (in memoriam). A partir de relatos de memória, narrativas orais dos participantes e referências bibliográficas, o estudo busca reconstituir aspectos da trajetória do grupo e de seu mestre, evidenciando a capoeira como prática cultural e espaço de sociabilidade. A pesquisa ressalta o papel da memória coletiva na preservação da cultura afro-brasileira e na valorização dos saberes transmitidos pelos mestres de capoeira, contribuindo para a compreensão de suas dimensões históricas e pedagógicas.

Palavras-chave: Capoeira; História oral; Memória; Cultura afro-brasileira; Mestres de capoeira; Grupo de Capoeira Novos Irmãos.

ABSTRACT

This article aims to describe the experiences of young residents from the 18 do Forte and Cidade Nova neighborhoods, in the northern zone of Aracaju, Sergipe, between 1979 and 1982, when they were members of the *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos* (New Brothers Regional Capoeira Group) of SESI, at the *Clube do Trabalhador* (Workers' Club), under the direction of Antônio Jorge da Conceição — Jorge, known as *Mestre Nô* (Master Nô, mestre being the traditional title given to capoeira masters; *in memoriam*). Drawing on memory accounts, oral narratives from participants, and bibliographical references, the study reconstructs aspects of the group's and its mestre's trajectory, highlighting capoeira as both a cultural practice and a space of sociability. The research emphasizes the role of collective memory in preserving Afro-Brazilian culture and valuing the knowledge transmitted by *mestres* (capoeira masters), contributing to the understanding of its historical and pedagogical dimensions.

Keywords: capoeira, oral history, memory, Afro-Brazilian culture, mestres (capoeira masters), Grupo de Capoeira Novos Irmãos.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo describir las experiencias de jóvenes de los barrios 18 do Forte y Cidade Nova, en la zona norte de Aracaju/SE, entre 1979 y 1982, cuando integraron el Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos del SESI, en el Clube do Trabalhador, bajo la dirección de Antônio Jorge da Conceição — Jorge, mestre Nô (in memoriam). A partir de relatos de memoria, narrativas orales de los participantes y referencias bibliográficas, el estudio busca reconstruir aspectos de la trayectoria del grupo y de su maestro, evidenciando la capoeira como práctica cultural y espacio de sociabilidad. La investigación resalta el papel de la memoria colectiva en la preservación de la cultura afrobrasileña y en la valorización de los saberes transmitidos por los maestros de capoeira, contribuyendo a la comprensión de sus dimensiones históricas y pedagógicas.

Palabras clave: Capoeira; Historia oral; Memoria; Cultura afrobrasileña; Maestros de capoeira; Grupo de Capoeira Novos Irmãos.

INTRODUÇÃO

A propósito desse escrito, remeto-o como consequência da primeira conversa que tive e do olhar inquietante do professor, editor e mestre em culturas Populares Milton Raimundo Leite, no mês de junho de 2022, durante o lançamento da segunda edição da Revista Função – *Quadrilha Junina: explosão de cores e história de nosso povo*. Milton me incentivou a escrever um texto que abordasse o eixo central temático à Capoeira em Sergipe. Segundo ele, seria muito importante que este tema, abarcasse olhares e perspectivas de diversos pesquisadores.

Pois bem, sendo um pesquisador que se interessa pelos campos epistemológicos da arte-educação em convergência *ao e com* o corpo negro e participação social, resolvi relatar as memórias e as narrativas orais de um grupo de jovens moradores dos bairros 18 do Forte e Cidade Nova, da zona norte da cidade de Aracaju/SE, referente as suas vivências nos anos de 1979 a 1982, quando participaram do *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos do SESI*, no Clube do Trabalhador,— Av. Simeão Sobral, s/n – Bairro Santo Antônio.

Nesse sentido, as fontes orais, conforme destaca Alberti (2015), não devem ser compreendidas como a própria História, mas como materiais que demandam interpretação e análise. Elas resultam de relatos individuais ou coletivos permeados por subjetividades, nos quais se valorizam as experiências sociais, políticas e culturais dos entrevistados. Assim, o “fascínio do vivido” emerge como possibilidade de compreender o passado por meio das memórias e vivências pessoais.

Para esta pesquisa, foi realizado um recorte das fontes orais envolvendo pessoas que possuem laços afetivos e trajetórias compartilhadas com o pesquisador. As entrevistas com seus irmãos — José Oliveira Santos (Neto), Elias Francisco Santos (Elias) e Genisson Oliveira Santos (Teno) — e com amigos próximos, como Pedro Bonifácio (Pedrinho), Joselito Silva Santos (Jó), Josenalvo Silva Santos (Nau), Erivaldo Dalto (Coração Alado) e José Targino de França, revelam não apenas memórias individuais, mas também um campo de experiências comuns que contribuem significativamente para a compreensão dos sentidos e das vivências abordadas neste estudo.

Sobre esse contexto trabalho com uma abordagem na perspectiva de discutir de forma sucinta à importância do trabalho do *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos* – com mestre Jorge (Nô) treinando jovens da zona norte da cidade de Aracaju (18 do Forte, Palestina, Santo

Antônio, Bairro Industrial, Porto Dantas e outros bairros) que foram incentivados através da capoeira a estarem como centralidade de seu conhecimento como corpos negros sociais e políticos.

Para guiar o relato das memórias e vivências partirei do campo epistemológico da Afrocentricidade¹, elaborado pelo professor Molefi Kete Asante, trabalhando com as seguintes categorias: *Agência, Memória e Oralidade*, onde procuro trazer como ponto de equilíbrio – a centralidade da fala, rompendo com a forma denotada em que sempre se fala e atribui sobre o homem negro às circunstâncias de seu processo histórico. Evidencio a importância das falas e memórias das pessoas que viveram suas experiências, colocando-as como centro da questão da pesquisa – a participação e importância do *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos* no cenário da capoeira em Sergipe e no Brasil. Assim como, o estudo e utilização das referências bibliográficas que abordam o tema em pauta.

Com o objetivo de orientar o(a) leitor(a) na compreensão do texto, organizamos sua escrita em uma introdução, na qual abordamos as premissas da pesquisa, seguida por seções denominadas [ginga], que fazem alusão tanto ao movimento do corpo negro na capoeira quanto à organização e fluidez da escrita.

Na Ginga I, apresentamos as experiências vividas na prática da capoeira em Aracaju durante a década de 1980, destacando os espaços escolares como locais de encontro, formação e afirmação cultural de jovens capoeiristas. Na Ginga II, mostramos o surgimento do *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos*, no SESI de Aracaju, e as experiências formativas vividas ao lado do mestre Nô, que marcaram trajetórias pessoais e comunitárias. Na Ginga III, destacamos Antonio Paulo de Souza – mestre Morcego, à frente do *Grupo de Capoeira Novos Irmãos*, preservando a tradição de mestre Nô e promovendo a capoeira como expressão cultural e esportiva. Sob sua liderança, o grupo organiza eventos e contribui para a valorização das manifestações afro-brasileiras. E, na seção Ginga IV, apresentamos Antônio Jorge da Conceição – Mestre Nô (1960–2008) como um “Operador de Mudanças” da capoeira, que aproximou tradições e práticas sociais e esportivas. Fundador do *Grupo Regional Novos Irmãos*, deixou memórias vivas entre alunos e amigos, refletidas na ginga, na música e na filosofia da capoeira. E, na seção final, apresentamos nossas considerações finais, com o propósito de pontuar aspectos do percurso realizado ao elegermos, a partir das memórias e da oralidade de algumas pessoas, a escrita de um capítulo da história do *Grupo de Capoeira Novos Irmãos* do SESI.

GINGA I

Durante a década de 1980, foi acentuada a participação de jovens à prática da capoeira em diversos espaços institucionais – públicos e privados na cidade de Aracaju. Nesse período, era comum que grupos de capoeira que não possuíam sede e local específico para treino ocuparem nos dias de sábado e domingo, no horário das 14 às 17h30, quadras e hall das escolas públicas. Cito como exemplo minha experiência quando estudei a quinta série (Ensino Fundamental) na Escola Estadual Professor Acrísio Cruz, no Bairro Siqueira Campos e, quando também cheguei a treinar na Escola onde hoje é o Centro de Excelência José Rollemberg Leite, no Bairro José Conrado Araújo com mestre Aristide². Logo depois, me juntei aos meus irmãos e amigos, passando a treinar no *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos do SESI*, com Antônio

¹ Ver Asante, M.K. *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*. In: Nascimento, E.L. (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

² Convém destacar que a Escola de 1º e 2º Graus Dr. José Rollemberg Leite, em 1976 realizou um projeto pedagógico através da disciplina de Educação Artística com diversos temas. Entre os temas estava à Capoeira que foi apresentado pelo aluno Luiz Carlos Vieira Tavares (Mestre Lucas) e colegas de sala com uma roda de capoeira. Dessa apresentação nasceu o grupo de capoeira Os Molas (Tavares, 2006).

Jorge da Conceição – Jorge mestre Nô (*in memoriam*), também conhecido como “Jorge Fala Grossa”.

Convém ressaltar que as práticas esportivas na escola pública eram incipientes com ofertas de futsal, ginástica rítmica, handebol, voleibol, atletismo e outras modalidades. Contudo, a capoeira não fazia parte entre as modalidades oferecidas pela escola. Porém, o grupo de capoeira que treinava na escola nos fins de semana, divulgava para os estudantes a possibilidade de conhecerem uma prática esportiva e de luta genuína da cultura afro-brasileira.

Nessa época eram poucos os espaços que discutiam as questões da negritude e quiçá reivindicavam uma política afirmativa e inclusiva com pautas direcionadas para os jovens negros, sobretudo os que viviam nos bairros periféricos e, que não tinham acesso, eram às poucas formas de entretenimento e sociabilidades na cidade de Aracaju. Com isso, o lazer em geral se resumia em: ir à praia de Atalaia aos domingos e, no final da tarde frequentar as matinês dançantes nos clubes ou ver o último filme americano lançado nos cinemas da cidade. E, também acompanhar o campeonato sergipano de futebol com a crível rivalidade entre os clubes Sergipe, Confiança e Itabaiana acompanhando os jogos no Estádio Lourival Baptista – *o Batistão*.

Nesse sentido, aos jovens negros restava apenas a prática de futebol nos campinhos de várzea e/ou competir em campeonato de futebol no bairro, jogando em time na modalidade amador ou pela forma lúdica e exótica em seu ajuntamento – jogar-lutar capoeira. Segundo o Informe Manangá/2009, os grupos mais conhecidos nessa época eram o *Capoeira Regional Novos Irmãos* – com Jorge, mestre Nô; *Os Molas* – com mestre Lucas e mestre Salamandra; *Os Bambas* – com mestre Gil; o *Grupo de Mário Lima*; o *Grupo do mestre Águia* no Colégio Dom José Thomaz e outros que vieram após, como o *Sete Quedas*.³

GINCA II

“[...] *Camaradinha, viva meu mestre*
Ehhh viva meu mestre, camará (coro)
E ele me ensinou
Ele me ensinou, camará (coro)
E é a capoeira
Eehh a capoeira, camará (coro)”⁴

Na década 1970, o trabalho da Assistência no Serviço Social da Indústria – SESI, no Clube do Trabalhador, focava nas modalidades esportivas através da Escolinha do SESI. A prática da capoeira teve seu início dentro dessa denominação Escolinha de Capoeira, com Antonio de Moura Fernandes, o mestre Moura que criou o *Grupo de Capoeira Filhos de Iemanjá*. Deste grupo destacam-se os alunos: *Tapioca, Nadilson, Daniel e Admilson*. Em 1976, o aluno José Admilson Vieira, – agora mestre Ouriço, assume o *Grupo de Capoeira Filhos de Iemanjá* por conta que o mestre Moura precisou viajar para outro estado em busca de aperfeiçoamento profissional.

³ Ressaltamos que o Grupo *OS MOLAS* foi criado em 22 de agosto de 1977, um ano antes que o *NOVOS IRMÃOS*. Este período que abordamos, as metodologias de ensino dos grupos de capoeira, assim como a ação estratégica e projetos artísticos culturais aconteciam de forma concomitante. Isto é, – cada grupo desenvolvia um trabalho efetivo em seu bairro/território.

⁴ Canto de entrada da roda de capoeira, enaltecedo à identidade, à história de Mestres e Academias.

Mestre Ouriço dar prosseguimento ao trabalho e o aluno Antônio Jorge da Conceição começa a se destacar entre os capoeiras. No ano de 1978, Antônio Jorge da Conceição (Jorge – mestre Nô) abre o *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos*, na Rua Sete de Setembro, passando a treinar no terreiro de uma casa de candomblé. No mesmo ano, Admilson, mestre Ouriço convida mestre Jorge Nô para assumir a Escolinha de Capoeira do SESI. Mestre Nô assume e dar uma nova dimensão ao trabalho, agora com seu *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos* (Santos, 2009)⁵.

E nesse entreato de mudança da Escolinha de Capoeira do SESI para o *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos* que eu, meus irmãos e amigos do bairro 18 do Forte passamos a treinar no grupo. E, sempre que possível, quando nos encontramos conversamos sobre esse período de nossas vidas, que para nós foi deveras significativo para nossa formação – quanto cidadão, filho, pai de família e profissional de distintos campos do saber.

Para este texto resolvi perguntar sobre a importância do *Novos Irmãos* em suas vidas e se recordavam de algumas paragens e histórias do grupo e como se deu o contato com mestre Nô. Vejamos o que disseram. Para Joselito Silva Santos (Jô) seu contato com a capoeira se deu quando ele servia ao Exército Brasileiro, no 28º BC:

“[...] e aí meu amigo Wolney, aqui quem vos fala é Joselito (Jô). O motivo que me levou à prática da capoeira foi uma apresentação que eu vi no Exército 28º BC. Aquele jogo rápido de movimentos no ar e depois os corpos desciam para o solo me encantou. Percebi que os alunos tinham muita habilidade e resistência. Então, depois da apresentação me informei com o mestre Nô e ele me indicou o SESI para fazer a matrícula. Fiquei por uns três anos no Grupo Novos Irmãos.”

(Joselito Silva Santos – Jô)

O primeiro contato de Joselito com a capoeira foi através de uma roda de apresentação dentro do quartel do Exército do 28º BC. Importante perceber como a capoeira estava sendo disseminada em diversos espaços ao mesmo tempo. E, no quartel do Exército, praticada por alguns soldados das companhias, num período em que a sociedade brasileira começava a forçar e exigir aberturas para o processo político democrático.

Para José Oliveira Santos Neto, a sua ida ao *Grupo de Capoeira Novos Irmãos* foi um mister de prazer e lazer, associado à busca pela sociabilidade de estar entre amigos e conhecer novas amizades:

“Na minha adolescência, participei do Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos. A princípio como um lazer nas tardes de sábado e domingo, mas que fortaleceu e criou novos laços de amizade com amigos e outros jovens.”

(José Oliveira Santos Neto)

Interessante que este depoimento nos faz inferir que a prática da capoeira foi uma forma substancial de conhecer novas amizades e unir mais os vínculos entre os amigos. E, isso é reiterado por Pedro Bonifácio – (Pedrinho), pontuando que o grupo foi um local onde ele teve a oportunidade de viver um ciclo em sua vida que estava entre a sociabilidade da prática do esporte: o futebol e a arte da capoeira e, que ele logo depois num período de dois anos decidiu pela prática esportiva do futebol em clube amador.

“Foram momentos de jovens curiosos. Fui e participei no Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos, onde os treinos principais eram no SESI. Lembro de momentos bons e agradáveis.”

⁵ Ver detalhadamente Santos, D. S. *A memória da luta, a luta pela memória. Associação de Capoeira Novos Irmãos (1978-2008)*, 2009. Universidade Federal de Sergipe – UFS. São Cristóvão/SE. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC que traz relatos em formato de entrevistas dos mestres que iniciaram o trabalho na Escolinha do SESI e que também conviveram com Antônio Jorge da Conceição (Jorge – Mestre Nô).

Lembro muito bem que jogávamos bola naquela época e fomos mais como lazer. Passou aquela fase ou ciclo que foram quase dois anos e retornamos para o futebol. Agradeço a Deus por cada ciclo na minha vida, independente do problema físico que tenho, nunca me senti menor ou maior que o outro. Só vivo os ciclos e sigo – Deus é fiel todo tempo.

(Pedro Bonifácio).

Para Elias Francisco Santos, o seu convívio dentro do grupo através da prática e treino da capoeira foi fundamental para sua formação como filho e pai de família. Sobre o *Novos Irmãos*, ele rememora aspectos que nos faz pensar e inferir que o mestre Nô, tinha a capacidade de pensar à capoeira, trazendo o universo particular de seu praticante para uma reflexão entre o jogo – a dança – o corpo e a mente.

"Hoje quero falar de uma fase que vivi na minha vida. Fase essa que aprendi muito sobre os limites do corpo e da mente – foi quando comecei a praticar a luta, esporte e dança à capoeira. Sei que me ensinou muito sobre a vida. Ganhei e fiz muitos amigos. Me lembro quando o mestre Jorge (Nô) dizia: 'o capoeira precisa ter o corpo sã e mente sã. Ter vivacidade e molejo nos movimentos e, muita paciência durante o jogo. Assim os movimentos saem mais perfeitos, precisos e fatais'. Tenho levado para minha vida esses ensinamentos em que o homem supera tudo até o cansaço. O homem tem que ter disciplina. E, treinar o corpo e a mente. Lembro de alguns colegas desse tempo: Jô, Antônio Paulo – mestre Morcego, mestre Félix, mestre Daniel, mestre Lauro, Aguimeron, Zumbi, Erivaldo Dalto (Coração Alado) e outros. Foi um tempo muito bom, divertido e agradável que vivi!"

(Elias Francisco Santos)

Sobre os aspectos supracitados, recorre à nova perspectiva de trabalho de mestre Jorge Nô, desenvolvendo uma metodologia de ensino dando ênfase à disciplina. Três aspectos vão marcar o trabalho do grupo que vai estar associado à identidade e a cultura afro-brasileira e são fundamentais para a importância do grupo no movimento da capoeira em Sergipe.

1. Treino físico – em sua parte introdutória com aquecimentos e alongamentos. Depois os capoeiras eram perfilados e executam as seqüências de movimentos de forma que se repetia exaustivamente. Nesse momento, mestre Jorge Nô caminhava entre as fileiras ditando o ritmo dos movimentos e observando a consciente e perfeita execução dos movimentos de cada capoeira.

2. Ensinamento da ação lúdica do jogo – a importância da ginga na capoeira como introdução para as seqüências de movimentos, ataques e defesas. Nos treinos, individualmente por um tempo, o capoeira gingava, exercitando conscientemente o corpo. A participação ativa do capoeira durante a roda, seja por meio do canto individual e coletivo, que são marcados pelas palmas, à sua participação jogando em dupla na roda, é marcada por completa ação afetiva com os outros capoeiras. E, a prática familiarização com os instrumentos: berimbau e caxixi, atabaque, pandeiro e ganzá. Mestre Nô ensaiava os cantos, orientando cada capoeira.⁶ Assim como o resgate do jogo de angola e regional, samba de roda e maculelê. Em 1981 criou o Projeto Circuito de Capoeira com rodas em diversos pontos turísticos da cidade Aracaju (Informe Manangá, 2009), cujo objetivo era visibilizar a prática da capoeira para a sociedade, ao mesmo tempo em que sinalizava a afrocentricidade de seu fazer dentro da cultura sergipana. Esse projeto deu visibilidade ao grupo, como também ao movimento da capoeira no estado.

⁶ As músicas eram cantadas e acompanhadas com as palmas e coro de voz (refrão) por todos. Lembro que ele dizia que a beleza da grande roda de capoeira estava na perfeita execução dos instrumentos, no canto dos capoeiras e no jogo perfeito entre as duplas.

3. Sistematização e dinâmica dos treinos – o grupo era dividido em três: A, B e C. No grupo A treinavam os alunos mais adiantados, aqueles que já participavam de roda de apresentação, à exemplo dentro do Projeto Circuito de Capoeira. Para as apresentações os capoeiras vestiam abadás de seda branco com listras azuis, no sentido vertical. O grupo B era formado pelos capoeiras que estavam em estágio intermediário. E, o grupo C era formado por alunos recém chegados que estavam no estágio inicial. Para os treinamentos todos os grupos vestiam abadás brancos com listras vermelhas no sentido vertical.

Em pouco tempo de desenvolvida a metodologia no ensino, prática e jogo da capoeira, dentro do grupo vão ser formados significativos capoeiras que são descritos orgulhosamente nos Informes (Manangá/2009; Projeto Guardião do Saber/2021): “Lauro Mandrião, Zumbi, Paulo Morcego, Everaldo, Malazart, Genivaldo Papuá, Eraldo Beija-flor (*in memoriam*), Arraia, Autran, Robson Mangangá, Caco (*in memoriam*), Sobrado, Bahia, Cristiano e outros”. Tendo como mestres professores auxiliares de grupos: Félix “Risadinha”, Admilson “Ouricó” e Daniel. O grupo era reconhecido pela notabilidade e versatilidade gestual e corporal de seus capoeiras, – pela disciplina técnica e peculiaridade de jogarem estilos diversos, mas sobretudo, o “Regional” com suas derivações.

Em meados do ano de 1985, mestre Nô comece a trabalhar na Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Irrigação de Sergipe – COHIDRO, na função de topógrafo, passando a morar na cidade de Tobias Barreto/SE. Onde montou uma filial do *Grupo Novos Irmãos* e a *Academia JJ Modelagem Física*, passando a trabalhar com a capoeira e outras modalidades esportivas. Essa é uma nova fase em sua vida em que ele, pela sua desenvoltura, habilidade e voz (Jorge Fala Grossa), comece a atuar na área de comunicação e radiodifusão, atuando como locutor e comentarista esportivo nas rádios de Sergipe: Imperatriz do Campo (Tobias Barreto), Lagamar (Boquim); e Bahia, Difusora (Rio Real) e Itapicuru – FM (Informe Manangá/2009; Santos (2009); Projeto Guardião do Saber/2021).

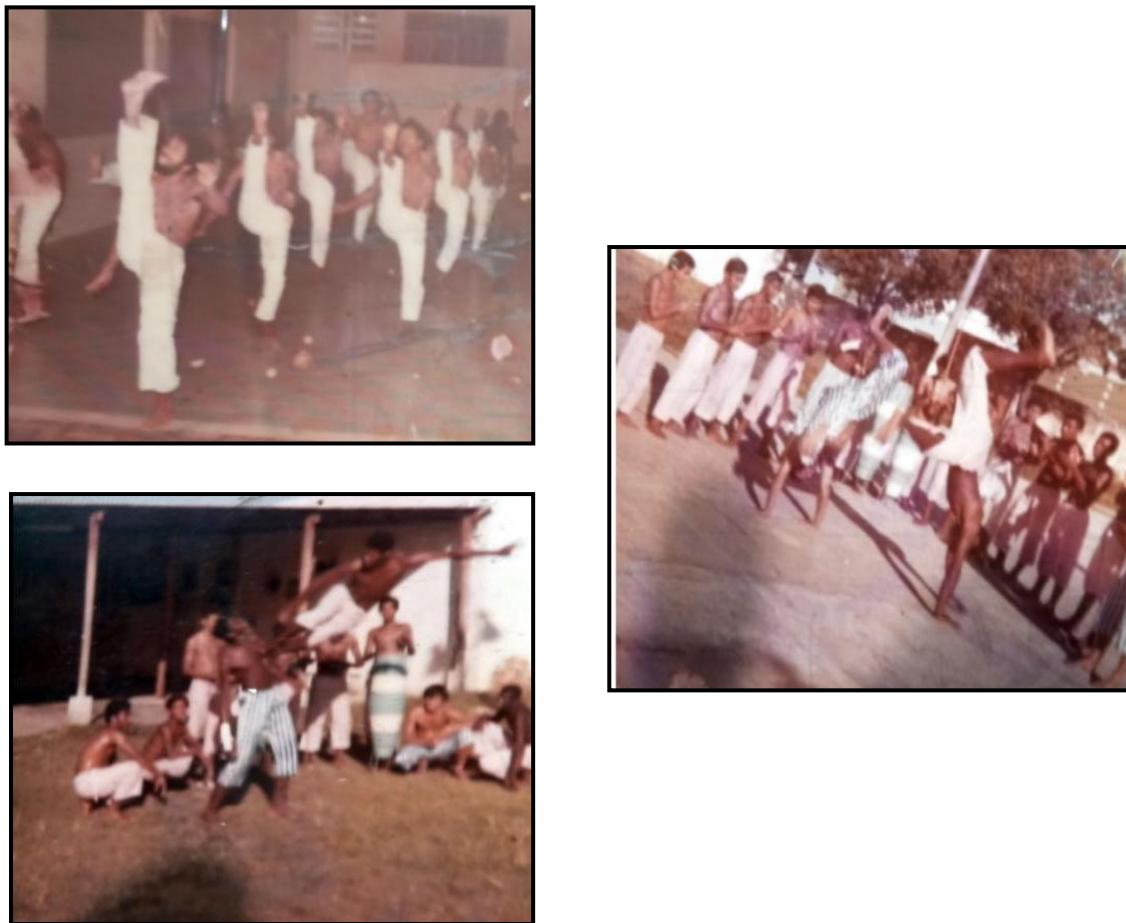
Nessa circunstância, mestre Nô fica impossibilitado de estar à frente do grupo e passa o comando para o aluno/discípulo de sua confiança Antonio Paulo de Souza “mestre Morcego”, um dos remanescentes do grupo de jovens que iniciaram em 1979.

Figura 1 - Mestre Jorge “Nô”: um operador de mudanças.



Fonte: Federação Sergipana de Capoeira. Projeto Guardião do Saber (2021).

Figuras 2, 3 e 4 – Treinos no SESI (Clube do Trabalhador).



Fonte: Grupo de Capoeira Novos Irmãos.

Figura 5 – Roda de Capoeira no Ginásio Charles Moritz (SESC).



Fonte: Grupo de Capoeira Novos Irmãos.

GINA III

“Quem vem lá - sou eu

*Quem vem lá - sou eu
Berimbau bateu
Capoeira sou eu."*

Abrimo essa seção ginga do texto com a letra da canção *Quem Vem Lá Sou Eu*, para situarmos à figura de Antonio Paulo de Souza – mestre Morcego, pela importância de seu trabalho à frente do *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos*.

Mestre Morcego tem seu início no grupo junto a outros jovens. Entretanto, o jogo, o canto e o som do instrumento berimbau, o fez se encantar pela capoeira e, atuar na organização do grupo junto ao mestre Nô. Poderíamos inferi que a capoeira o escolheu para tão gloriosa honra, – a qual ele, para ela, a cada dia trabalha incansavelmente!

O grupo sob sua direção em Aracaju mantém a metodologia do trabalho de mestre Nô. Mas, vai atuar em outras frentes. Entre elas destacamos:

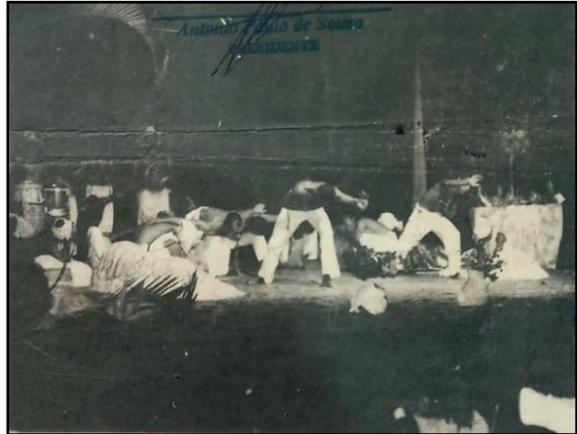
- a) *pensar ações afirmativas* que viessem contribuir para a visibilidade e seguridade dos mestres e professores de capoeira.
- b) *muda o nome de "Grupo de Capoeira" para "Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Novos Irmãos*", com o objetivo de organizar a Associação com eleição de diretoria, estatuto desportivo interno. Contudo, não deixando de preservar as atividades artísticas da capoeira que convergem dentro da cultura afro-brasileira.
- c) *como Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Novos Irmãos realiza vários eventos*: Festival Praiano de Capoeira; Campeonato de Professores de Capoeira; Festival de Música de Capoeira; I Encontro de Raízes Culturais, promovido pela FUNDESC; participação na programação cultural do Festival de Arte de São Cristóvão – FASC.
- d) *em 1987 trabalha junto com outros mestres e professores na criação da Federação Sergipana de Capoeira*, que tinha como objetivo instituir um órgão com características diretivas, estando ligado à Confederação Nacional de Capoeira – CBC.
- e) *Estréia o espetáculo Iê Brasil*, no ano de 1994. Este espetáculo enaltecia as manifestações artísticas e culturais do povo africano e afro-brasileiro, trazendo como *centralidade* à capoeira, o maculelê, o samba de roda e a puxada de rede (O Jornal Regional/1995; Santos (2009); Projeto Guardião do Saber/2021).

Figura 6 – Mestre Morcego



Fonte: Federação Sergipana de Capoeira. Projeto Guardião do Saber (2021).

Figura 7 – Logotipo (Identidade Visual) da Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Novos Irmãos. Figura 8 – Espetáculo Iê Brasil. Figura 9 – Mestre Nô e alunos. Figura 10 – Roda de Capoeira no SESI (Clube do Trabalhador).



Fonte: Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Novos Irmãos.

GINGA IV

*“Adeus, Adeus
Boa viagem
Eu vou me embora
Boa viagem
Eu vou com Deus
Boa viagem
E com nossa Senhora
Boa viagem
Adeus, Adeus”⁷*

Antônio Jorge da Conceição – mestre Nô (Jorge Fala Grossa), nasceu em Aracaju, no dia 12 de abril de 1960. Logo cedo, aos 12 anos, no ano de 1972 se iniciou na capoeira com o senhor Alencar, na rua do Bonfim, no bairro Getúlio Vargas. Sua trajetória na capoeira é descrita pelo Jornal do Projeto Guardião do Saber (2021): *Mestre Jorge Nô: Um Operador de Mudanças*.

⁷ Rego em Capoeira Angola: Ensaio-ethnográfico, descreve que esta canção era no momento de despedida do mestre Canjiquinha. Depois se popularizou entre os grupos como canto de fechamento das rodas de capoeira e espetáculos folclóricos.

O autor Luiz Renato Vieira em *O Jogo de Capoeira: Corpo e Cultura Popular no Brasil* (1998) quando aborda à discussão entre a capoeira tradicional – essencialista de Angola e, a criação da capoeira moderna à Regional que foi desenvolvida por mestre Bimba em sua academia, buscava à eficiência do movimento. Descrevendo que a trajetória do mestre se configurava como de um “Agente de Mudanças” (Vieira, 1998).

Nesse sentido, e parafraseando o que disse em relação ao mestre Bimba, certamente os editores do Guardião do Saber, ao trazer as contribuições de mestre Nô como um “Operador de Mudanças”, pode-se à ele atribuir como um dos mestres que antenado nas perspectivas de seu tempo histórico, já vislumbrava as aproximações e diálogos que mestre Bimba fazia entre a capoeira tradicional e as questões sociais de aproximação da capoeira diante do cenário desportivo brasileiro. Colocando-a ou mesmo que abrindo janelas em espaços instituídos para sua prática. Isso foi pertinente no próprio nome do grupo, introduzindo a palavra “Regional” – *GRUPO DE CAPOEIRA REGIONAL NOVOS IRMÃOS*. Assim como, de sua estadia na cidade de Tobias Barreto, abrindo a *Academia JJ Modelagem Física*, quando trabalhou com à capoeira junto a outras modalidades esportivas.

No ano de 2008, quando retornava do trabalho, seu carro se chocou com um animal (cavalo) na pista. O acidente deixou sequelas que agravou seu estado de saúde. Em 22 de dezembro, quando mestre Morcego e alunos do grupo estavam em Brasília/DF no Campeonato Brasileiro de Capoeira⁸, receberam à notícia que mestre Jorge Nô, dentro do dia anterior, deu seu canto de despedida à capoeira aqui na terra (*Iê*). E, foi estar ao lado de grandes “mestres: Bimba, Pastinha, Valdemar, Paulo dos Anjos, Gigante, Macaô, o lendário Besouro Mangangá, Aberrê, Paulo Gomes, Leopoldina, Canjiquinha e muitos outros” (Informe Manangá/2009).

Figura 11 – Jorge mestre Nô.



Fonte: Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Novos Irmãos

Fica o fruto do trabalho. As memórias dos que com ele toram alunos e amigos nos diversos campos do saber em que atuou profissionalmente. E, com ele tiveram a oportunidade de estar ao menos em um ciclo de suas vidas sob a filosofia da capoeira, no brincar gaiato da ginga do corpo, no tocar chorado do berimbau e dos instrumentos percussivos anunciando a festa da roda de capoeira e, no jogar pulsante – entre o corpo, o sonho e a vida.

⁸ Neste Campeonato o Grupo foi laureado com várias medalhas e Mestre Morcego com a de Campeão Brasileiro na Categoria Master (PROJETO GUARDIÃO DO SABER/2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo central deste estudo — descrever as experiências formativas e as memórias coletivas de um grupo de jovens que integraram o *Grupo de Capoeira Regional Novos Irmãos*, vinculado ao Serviço Social da Indústria (SESI), em Aracaju/SE, entre os anos de 1979 e 1982 —, é possível inferir, a partir dos depoimentos analisados, que as vivências no grupo, sob a orientação do mestre Nô, foram fundamentais para a formação social, cultural e política de seus participantes, sendo rememoradas com expressivo sentimento de contentamento. Tal constatação ganha relevância ao considerar-se o contexto histórico em que a prática da capoeira se consolidava entre os jovens como um espaço de autoafirmação identitária e de valorização da cultura afro-brasileira.

Cumpre destacar que o *Grupo de Capoeira Novos Irmãos* consolidou, em sua pedagogia, um conjunto de percepções identitárias, culturais e artísticas que ultrapassavam a dimensão da capoeira como mera prática corporal. A capoeira era concebida e ensinada como um modo de *ser, viver e compreender* o mundo, expressão de uma corporeidade consciente e politizada. Para tanto, os integrantes do grupo eram orientados a desenvolver “corpo e mente sãos”, cultivando a disciplina traduzida na sistematização dos treinos. Paralelamente, o mestre Nô promovia atividades voltadas ao aprendizado dos instrumentos musicais, ao repertório dos cantos da roda, e às conversas sobre a história da capoeira e de seus mestres, fomentando uma formação integral, ancorada no conhecimento, na prática e na memória. Essas experiências ocorriam em um ambiente permeado pelo afeto, pelo encantamento do jogo, pela ginga do corpo e pela ludicidade que caracteriza a capoeira.

Reconhecido entre seus discípulos como um “operador de mudanças”, o mestre Nô se destacou por sua capacidade de articular a capoeira com outras práticas esportivas e socioculturais, sem dissociá-la de suas raízes afro-brasileiras e de seus contextos sociais e políticos. Essa postura evidencia um compromisso pedagógico e ético voltado à construção de uma prática emancipatória e de resistência cultural.

Em 2025, o *Grupo Novos Irmãos* celebra 47 anos de trajetória, com uma programação que tem como tema “*Roda — voltando às origens da roda dos Novos Irmãos*”. O evento simboliza a celebração dos corpos, das histórias e das reminiscências (in memoriam), bem como daqueles que, no tempo presente, suam, pulsam e gingam, recriando novas histórias e memórias. Tal movimento reafirma o sentido de irmandade e pertencimento entre os integrantes, consolidando o grupo como referência de centralidade negra e de valorização da cultura afro-brasileira, por meio da prática ancestral da mãe capoeira.

Dessa forma, a abordagem do *Grupo Novos Irmãos* neste estudo constituiu-se em um movimento de escrita e pesquisa pautado na memória, ativada por meio dos depoimentos dos participantes e de referências bibliográficas que contribuíram para a reconstrução da história do tempo presente. Compreendemos que a sociedade necessita conhecer as múltiplas histórias que compõem o universo da capoeira em Sergipe, bem como as identidades e subjetividades que emergem desse campo de saber, em uma perspectiva de fortalecimento da diversidade epistêmica e da pluralidade cultural.

Por fim, reafirmamos o interesse em aprofundar investigações futuras que contemplam a participação e o movimento dos corpos negros na cidade de Aracaju, especialmente no contexto cultural, artístico e formativo, contribuindo para o alargamento do debate sobre as inter-relações entre memória, identidade e educação.

CONFLITOS DE INTERESSE: Não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Alberti, V. (2015). Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org). *Fontes Históricas*. 3. ed., 2^a reimpressão. - São Paulo: Contexto.
- Asante, M. K. (2009). Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E.L. (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro.
- Associação de capoeiras novos irmãos. (1995) Jornal O Regional – Orgão Informativo. Aracaju – Sergipe, ano 1, v. 1, set.1995.
- Capoeira Mangangá. (2009). Adeus mestre Nô. Informe MANGANGÁ. Aracaju – Sergipe. Ano VIII – nº 64. Jan.
- Federação Sergipana de Capoeira. (2021). Mestre Jorge “Nô”: um operador de mudanças. Projeto Guardião do Saber. Aracaju – Sergipe, edição n. 2, mar.
- Federação Sergipana de Capoeira. (2021). Mestre Morcego. Projeto Guardião do Saber. Aracaju – Sergipe, edição n. 3, maio 2021.
- Rego, W. (1968). Capoeira Angola – Ensaio Etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968, Coleção Baiana.
- Santos, B. R.; (1995). Capoeira: Uma identidade a resgatar. Jornal O Regional da Associação de Capoeira Novos Irmãos, Aracaju – Sergipe, ano 1, v. 1, p. 3, set.
- Santos, D. S. (2009). A memória da luta, a luta pela memória. Associação de Capoeira Novos Irmãos (1978-2008). 70fl. Trabalho de Conclusão de Curso (História) Universidade Federal de Sergipe – UFS. São Cristóvão/SE.
- Tavares, L. C. V. (2006). O corpo que ginga, joga e luta: a corporeidade na capoeira. Salvador: Edição do autor.
- Vieira, R. L. (1998) O Jogo da Capoeira: Corpo e Cultura Popular no Brasil. Rio de Janeiro: Sprint, 2^a edição.

DEPOIMENTOS

Elias Francisco Santos; José Oliveira Santos Neto; Joselito Silva Santos (Jô); Pedro Bonifácio (Pedrinho).
Depoimentos concedidos a Wolney Nascimento Santos. Aracaju, jun. 2023.

Recebido: 3 de agosto de 2025 | **Aceito:** 2 de outubro de 2025 | **Publicado:** 18 de novembro de 2025